

CONFIGURAÇÃO DISCURSIVA DO “COMPORTAMENTO” ENTRE OS LIVROS MAIS VENDIDOS PARA O PÚBLICO INFANTO-JUVENIL BRASILEIRO

*Bruna Longo BLASIOLI**
*Arnaldo CORTINA***

Resumo: Os propósitos deste artigo caminham em duas direções. Em primeiro lugar, consiste em discutir a produtividade do conceito de “configuração discursiva”, oriundo da proposta teórico-metodológica da semiótica de Paris, para designar uma forma de agrupamento de discursos em torno de uma temática comum. A escolha desse conceito propicia um afastamento do termo “tema”, que, para a semiótica, tem um sentido bastante preciso, que se diferencia do senso comum, e, ao mesmo tempo, do termo “gênero”, que tem um uso mais abrangente que o atribuído à “configuração discursiva”. Em segundo lugar, este trabalho propõe examinar a configuração discursiva do “comportamento”, detectada no *corpus* que dá sustentação ao trabalho, para descrever seu funcionamento. O referido *corpus* consiste no levantamento de listas dos livros de literatura infanto-juvenil mais vendidos no Brasil, no período de 1994 a 2004, realizado em dois jornais e em duas revistas de circulação nacional.

Palavras-chave: Leitor. Manual. Enunciador. Enunciatório. Configuração Discursiva.

Abstract: The article’s aims head in two directions. The first of them is to fully discuss the discursive configuration concept, originated from the theory-methodological Parisian semiotic proposal that designates discourse groupings towards a common theme. The choosing of this concept allows a distinct separation of the term “theme” that, for semiotics, has a very precise definition that differentiates from the common sense of the concept and, at the same time, from the “genus” term that has a more wide usage and was attributed to “discursive configuration”. As second aim we pretend to examine the discursive configuration of the behavior detected in the corpus that allows sustentation to the work, to describe its functions. The referred corpus consist in a research of the child-youth Brazilian bestseller lists from 1994-2004, performed in two newspapers and in two journals of national circulation.

Keywords: Reader. Manual. Enunciator. Enunciatee. Discursive Configuration.

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa; Faculdade de Ciências e Letras – UNESP; Cep: 14.800-901; Araraquara; São Paulo; Brasil; brunabiasoli@yahoo.com.br.

** CNPq; Departamento de Linguística; Faculdade de Ciências e Letras – UNESP; Cep: 14.800-901; Araraquara; São Paulo; Brasil; cortina@fclar.unesp.br.

1. Os conceitos de “Tema” e “Configuração Discursiva”

Inicialmente cabe esclarecer aqui o motivo pelo qual não empregaremos os termos “gênero” e “tema” para designar um conjunto de textos que tenham determinadas características em comum. Para essa indicação, utilizaremos a expressão “configuração discursiva”.

Segundo Bakhtin (*trad.* 1997, p. 279), “todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua”. Essa utilização é realizada pelos enunciados (orais e escritos), que são determinados pelas condições sociais específicas e pelas finalidades de cada uma dessas esferas. Todo enunciado, marcados pela especificidade de uma esfera da comunicação, que é composto pelo conteúdo temático, pelo estilo verbal e pela construção composicional, pode ser denominado gênero discursivo.

Nas palavras do autor (1997, p. 284):

Uma dada função (científica, técnica, ideológica, oficial, cotidiana) e dadas condições, específicas para cada uma das esferas da comunicação verbal, geram um dado gênero, ou seja, um dado tipo de enunciado, relativamente estável do ponto de vista temático, composicional e estilístico.

Considerando a heterogeneidade de cada uma das esferas sociais, é possível entender também como heterogêneos os gêneros discursivos, pois sua riqueza e sua variedade são infinitas, da mesma forma que é inesgotável a atividade humana. Na organização de cada esfera de atividade humana são produzidos enunciados, que, por sua vez, formam gêneros “relativamente estáveis”.

Ao tratar dos diferentes elementos que se combinam para a constituição dos tipos de discurso, Fairclough (2001), em diálogo com Bakhtin, adota os termos “gênero”, “estilo”, “registro” e “discurso”. O autor sugere que os elementos constituintes de cada tipo apresentam diferenças entre si, mas que o gênero inclui todos eles, uma vez que correspondem muito estreitamente aos tipos de práticas sociais. Para ele, “o sistema de gêneros que é adotado em uma sociedade particular, em um tempo particular, determina em que combinações e configurações os outros tipos ocorrem”.

Fairclough (2001), numa perspectiva bakhtiniana, afirma ainda que um gênero discursivo implica não somente um tipo particular de texto, mas também seus processos particulares de produção, distribuição e consumo.

Tendo em vista a heterogeneidade dos gêneros do discurso, resultado da infinidade de relações sociais que se apresentam na vida humana, Bakhtin optou por dividi-los em dois tipos mais gerais: gênero primário (simples) e gênero secundário (complexo). A heterogeneidade lingüística é o que determina a distinção estabelecida entre eles.

Os chamados gêneros primários são aqueles que surgem das situações de comunicação verbal espontâneas, não elaboradas. Em função dessa informalidade, pode-se dizer que, nesse gênero, há um uso menos elaborado da linguagem, tendo em vista a relação direta entre os interlocutores. Esse imediatismo da linguagem ocorre nos enunciados da vida cotidiana: na linguagem oral, nos diálogos com a família, nas reuniões entre amigos, etc.

A configuração dos gêneros secundários se dá normalmente pela escrita. Eles funcionam como instrumento, como forma de uso mais elaborada da linguagem para construir uma ação verbal em situação de comunicação mais complexa e relativamente mais evoluída, tal como na manifestação artística, cultural e política. Esses gêneros complexos absorvem e modificam os gêneros primários, que, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, transformam-se e adquirem uma característica particular, isto é, perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios, isto é, dos outros interlocutores.

Para melhor compreensão do fenômeno de absorção e de modificação do gênero primário pelo secundário, Bakhtin cita o exemplo de uma carta ou de um diálogo cotidiano. Uma carta ou um fragmento de conversação do dia-a-dia, quando inseridos em um romance, desvinculam-se da realidade comunicativa imediata, só conservando seus significados no plano de conteúdo. Ou seja, não se trata mais de atividades verbais do cotidiano, mas sim de uma atividade verbal artística, elaborada e complexa que se apropria de um gênero primário para fins composicionais. É importante lembrar que a matéria do gênero primário e a do secundário é a mesma, isto é, enunciados verbais, fenômenos de mesma natureza. O que diferencia cada um deles é o grau de complexidade e de elaboração em que se apresenta essa matéria.

Como pode ser observado, a noção de gênero está mais ligada à estrutura do texto que a seu conteúdo propriamente dito. Por essa razão, portanto, acreditamos não ser possível classificar as noções de “suspense” ou de “humor”, por exemplo, que aparecem nas obras de nosso *corpus*, como gêneros, porque elas referem-se mais diretamente ao conteúdo que à estrutura das diferentes obras que compõem nosso *corpus*.

Também não se pode dizer que o “suspense” e o “humor”, para manter as referências acima, correspondam a temas de obras literárias, porque se assim fizermos estaremos utilizando o sentido ordinário da palavra “tema”, o que não corresponde à maneira como a perspectiva teórica que adotamos em nosso trabalho define-a. A semiótica considera o tema como um “investimento semântico, de natureza conceptual, que não remete ao mundo natural”. É dessa forma, por exemplo, como Fiorin (1989, p. 65) define esse termo, segundo a semiótica, quando o diferencia de figura.

O autor (1989, p. 76) afirma ainda que textos diversos podem tratar do mesmo “tema”, porém de maneira diferente. “Esse ‘tema’ amplo que

aparece em vários discursos (o amor, a morte, a infância, a partida, o exílio, etc.) constitui não propriamente um tema, mas uma configuração discursiva”. E, sendo abordados de maneira diferente, não poderiam ser classificados dentro de uma mesma configuração discursiva.

Em outras palavras, tema é um investimento de sentido que se dá a uma noção (seja um substantivo, adjetivo ou verbo). Por exemplo, o tema da pobreza pode ser retratado, em uma obra literária, por meio da descrição de um local simples, com crianças e adultos passando fome, sem emprego, doentes, etc. Isso faz perceber, portanto, que o tema está ligado ao conteúdo do texto, e pode ser trabalhado de diversas maneiras, o que não permite que se classifiquem o “suspense” e o “humor” como temas de uma obra, pois o tema é algo mais específico, ao passo que a configuração discursiva se refere a algo mais abrangente. A configuração discursiva do suspense, por exemplo, poderia ser expressa pelo tema de um assassinato, de um roubo, de uma perseguição, etc.

Tema é um investimento semântico utilizado para a criação do efeito de sentido a que visa o enunciado. Dessa forma, portanto, o discurso se configura de maneira que sejam produzidos os efeitos de humor, de suspense, entre outros.

Mantendo o exemplo da pobreza acima citado, uma obra poderia estar inserida em uma configuração discursiva do suspense a abordar, entre outros temas, a pobreza. Tudo depende do contexto em que ela está inserida. Suponha-se que tal história imaginada narra a ocorrência de um crime, cometido por um marido que matou sua esposa porque ela fora infiel a ele. Esse casal morava em uma favela, considerada um local de muita pobreza. A narrativa suposta mantém o suspense durante toda a narrativa e, no final, os fatos são revelados. Dada essa situação, pode-se perceber que, nessa narrativa hipotética, foram abordados os temas do assassinato, da pobreza e da infidelidade, todos interligados. O percurso figurativo do assassinato, ou seja, a maneira como o tema foi explorado e expresso, poderia ser a morte por um tiro, por asfixia, por envenenamento, entre outros; o percurso figurativo da pobreza, como já aqui exemplificado, poderia ser desenvolvido pela descrição do local, com pessoas passando fome, pela falta de emprego e saúde, etc.; já o percurso figurativo da infidelidade poderia ser expresso, nessa história, por meio de uma relação amorosa, mais ou menos intensa, dependendo do contexto, que a esposa tivera com um vizinho, um amigo do casal ou qualquer outra pessoa.

Segundo Greimas (2008, p. 87):

[...] as configurações discursivas parecem como espécies de micronarrativas que têm uma organização sintático-semântica autônoma e não suscetíveis de se integrarem em unidades discursivas mais amplas, adquirindo então significações funcionais correspondentes ao dispositivo de conjunto.

O autor afirma ainda que uma configuração discursiva “não é dependente de seu contexto, mas pode ser dele extraída e manifestada sob a forma de um discurso auto-suficiente”. (GREIMAS, 2008, p. 88).

Ao abordar o conceito de configuração discursiva, Barros (1988, p. 85) faz a seguinte afirmação: “é, como o *motivo* da etnoliteratura, uma organização virtual que engloba vários percursos figurativos e que se realiza por meio deles”. Ou seja, a configuração discursiva é um conjunto de temas; o modo como esses temas são organizados, em cada texto particular, corresponde ao percurso figurativo.

Outro exemplo que pode ser invocado para tornar mais clara essa noção é o tema da morte em oposição ao da vida. Na maioria dos textos, a vida assume um valor eufórico, como, por exemplo, nos da primeira geração do Romantismo, e a morte, um valor disfórico. Já nos textos da segunda geração do Romantismo, designada como “mal do século”, a morte é considerada um alívio para aqueles que sofrem durante vida, por isso muitos até a antecipam, razão pela qual assume um valor eufórico, enquanto a vida, um valor disfórico.

A idéia de configuração discursiva, portanto, está intimamente ligada a elementos textuais que produzem sentido no texto (o suspense, o humor, por exemplo). A maneira figurativa como esse efeito será expresso é decorrente do recobrimento temático presente no discurso.

Dessa forma, pode-se concluir que a melhor forma de classificar os termos sempre aqui referidos, humor e suspense, é como configurações discursivas, isto é, como efeitos de sentido que configuram os discursos, podendo ser expressos por temas e percursos figurativos distintos uns dos outros. Será, portanto, dessa forma que distinguiremos as obras de nosso *corpus*, representado pelas listas dos livros mais vendidos

O critério utilizado para denominar uma configuração discursiva são os efeitos provocados pelos textos ou o conteúdo do livro em si, ou seja, o que ele pretende transmitir a seus leitores. Assim, classifica-se como configuração discursiva o suspense, por exemplo, pois o efeito criado em ambas as obras que aparecem na lista¹. O “Comportamento” é analisado sob a visão de que é ele quem está sendo analisado, sob diversos aspectos.

¹ Essas listas foram obtidas por meio de um levantamento realizado por Biasioli (2008), nas revistas *Época* e *Vêja*, e por Cortina (2005), no jornal *Leia* e *Jornal do Brasil*. Desses dados coletados chegou-se aos dezenove livros de literatura infanto-juvenil mais vendidos no período de 1994 a 2004, que constituem o *corpus* deste trabalho. A partir do exame das obras elencadas nas listas dos mais vendidos foram identificadas as seguintes configurações discursivas que agrupam algumas delas: Comportamento / Moral, Suspense, Cultura / Educação, Adolescência / Sexualidade, Humor, Religiosidade, Mistério / Suspense e Fantasia.

2. Proposta de análise de manuais para adolescentes

Com o propósito de examinar as características de uma configuração discursiva presente no *corpus* de nossa pesquisa, destacaremos três obras de literatura infanto-juvenil cujo discurso se constitui a partir da configuração do “comportamento”.

Antes de mais nada, cabe explicitarmos qual é o conceito de público infanto-juvenil a que se destinam os textos examinados, uma vez que já o denominamos como sendo o adolescente. Segundo o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente –, a adolescência é um período do desenvolvimento humano que se estende, aproximadamente, dos 13 aos 18 anos de idade, e que se caracteriza por ser uma época de intensa revolução biológica e psicológica.

Ao longo desse período de transição do estado infantil para o estado adulto, o jovem geralmente apresenta comportamentos instáveis, o que faz com que suas ações e opiniões variem muito. O adolescente, nessa fase, define sua identidade em três níveis²: sexual, profissional e ideológico. Durante o processo, ele poderá adotar diversos tipos de identidades, de acordo com novas aquisições, diante de situações novas ou em função do grupo circunstancial ao qual está ligado. “Estas várias identidades se alternam ou coexistem num mesmo período, refletindo a luta do jovem pela aquisição do eu e definição da identidade adulta”. (ROCHA, s. d.). Ainda segundo a autora, o

[...] crescimento, nesta fase, é rápido e desproporcional. Os membros se alongam, o corpo emagrece, os ângulos se salientam. A mudança quase que brusca não permite uma adaptação harmônica ao processo. O adolescente não só se sente desajeitado, como é desajeitado, por regular mal o domínio do corpo ao qual ainda não se adaptou. (ROCHA, s. d.).

As mudanças biológicas trazem conflitos emocionais. Surge, então, a necessidade de adaptação, que deve ser interna e externa. É com o intuito de “auxiliar” os jovens a superarem seus conflitos nessa fase da vida que os manuais para adolescentes são produzidos. Examinaremos aqui três desses manuais que são representantes da configuração discursiva do “comportamento”.

O primeiro deles, *Coisas que toda garota deve saber*, de Rugen (1997), que é uma tradução do original em inglês *Everything a girl should know*, trata de questões íntimas da menina que está deixando de ser criança para se tornar uma adolescente. O livro é dividido em oito capítulos. No primeiro

² Informações on-line coletadas do site www.geocities.com.br/cartilha/sex, fornecidas pela psicóloga Gabriela Lanzetta Haack da Rocha.

deles, a autora discorre sobre uma vida saudável e feliz, abordando temas como o sono, a necessidade de ingestão de líquido, de uma boa alimentação e de exercícios físicos para a boa manutenção do corpo, e os danos causados pelo cigarro, pelo álcool e pelas drogas. O segundo capítulo trata de questões relacionadas à menstruação, explicando à leitora adolescente como esse processo ocorre, os cuidados que devem ser tomados e as formas para manter uma boa higiene corporal. No capítulo três, o sujeito enunciatador ensina como ter uma pele bonita, incluindo diferentes técnicas de limpeza, tonificação e hidratação; mostra, também, os tipos de pele e explica o porquê das espinhas. Seguindo o tema da beleza, o quarto capítulo explora os cuidados que se deve ter com os cabelos, ensinando desde qual tipo de xampu é indicado para cada tipo de cabelos, passando pelo processo de condicionar, secar e cortar, até chegar à parte que ensina como fazer um penteado sofisticado. No quinto capítulo, a leitora adolescente aprende algumas coisas sobre seu corpo, incluindo as formas, as mudanças que ocorrem e os cuidados que ela deve ter. No sexto capítulo, aparece uma explicação, passo a passo, de como fazer uma maquiagem perfeita, em que é destacada a importância de se escolher o tom adequado a cada tipo de pele e como usar a maquiagem corretamente. O sétimo capítulo aborda o tema do vestuário, informando sobre como ter peças básicas e estar sempre elegante, bem como indicando os acessórios necessários para se compor um belo visual; explica-se ao interlocutor que não é preciso ter muito dinheiro para se vestir bem, pois não é raro encontrarem-se roupas boas em brechós, por exemplo, onde o preço é mais acessível. O oitavo, e último, capítulo discorre sobre a timidez, em que são apresentadas dicas para superar esse “problema”, bem como uma explicação de como começar a conversar com uma pessoa desconhecida. O oitavo capítulo ainda inclui um teste de autoconfiança, com questões do tipo:

Você olha no espelho. Sinceramente, o que vê?

- A) Um monte de banha com espinhas.
- B) Apenas eu mesma.
- C) Uma garota de estatura e peso médios, com cabelo médio e um pouco de acne.
- D) A garota mais linda que eu conheço. (RUGEN, 1997, p. 98).

Após o teste, seguem comentários do sujeito enunciatador às respostas dadas. Elas variam desde “Você se despreza demais” até “Maravilha! A combinação perfeita! Com certeza você leu este livro do começo ao fim e de trás para frente!” (RUGEN, 1997, p. 100).

A segunda obra que compõe a configuração discursiva “comportamento” é de autoria do tradutor de *Coisas que toda garota deve saber*. Em *Mais coisas que toda garota deve saber* (VILELA, 1998), complementam-se as informações dadas na primeira obra. Seu livro é dividido em treze itens.

O primeiro expõe à jovem que ela está entrando em uma fase de mudanças, que começará a sair sozinha, que não mais contará com a proteção de seus pais a todo momento e que isso requer juízo e bom senso. O segundo item explora as dúvidas mais frequentes que toda adolescente tem, sobretudo a respeito dos garotos e dos hormônios que afetam o corpo das meninas e os que afetam o corpo dos meninos. O terceiro item explica a diferença entre “ficar” e namorar, mostrando todas as etapas de um relacionamento amoroso entre dois jovens, começando pelo convite para sair, o processo de “ficar”, a assunção do namoro, a apresentação do namorado à família da menina e, por fim, como terminar uma relação, caso a garota assim o queira. O quarto item trata da sexualidade, abordando temas como a heterossexualidade e a homossexualidade, a hora certa para a primeira relação sexual e a diferença entre abuso sexual e estupro, bem como as dicas do que fazer, caso uma dessas situações ocorra. No quinto item, o foco são os pais, em que se mostra porque eles se preocupam com os filhos adolescentes e as vantagens de acalmar a ansiedade dos pais, ligando para eles quando sair para se divertir com os amigos. No sexto item, o enunciador ensina ao enunciatário como ter uma vida social, mostrando como se cumprimenta uma pessoa, como se apresenta uma pessoa a outra e o que fazer caso encontre alguém de cujo nome tenha se esquecido. O sétimo item fala sobre as funções do corpo humano, como espirrar, tossir, bocejar, arrotar e emitir gases, e ensina maneiras de não permitir que essas situações ocorram em público e, caso aconteçam, mostra meios educados de se sair bem delas. O oitavo item discorre sobre comunicação, sobretudo por meio de cartas, cartões-postais, telefone e internet, com ensinamentos sobre práticas, como, por exemplo, o uso da Internet, alertando também que é muito elegante, quando se viaja, mandar cartas ou cartões-postais para os que ficaram; ironicamente, o enunciador afirma ainda que o telefone deve ser usado por todos os que moram na casa da adolescente leitora e não exclusivamente por ela. O nono item é um guia para se comportar bem à mesa, em que são abordadas questões de educação à mesa, como, por exemplo, o uso correto do guardanapo e dos talheres, bem como a maneira se sair de situações constrangedoras, tais como, achar algum objeto no prato que lhe foi servido ou levar à boca uma comida muito quente. O décimo item ensina a leitora a se comportar bem em ocasiões especiais, afirmando, por exemplo, que é elegante enviar presente aos noivos, mesmo quando não se vai ao casamento; qual é o melhor momento para se fazer uma visita a um bebê recém-nascido; e alertando para o fato de que a discricão, em momentos de velórios e enterros, é a melhor maneira para não se cometerem gafes. O décimo primeiro ensina à interlocutora as maneiras de ser uma boa anfitriã e uma boa convidada, com dicas de como ser elegante quando uma amiga vai dormir ou fazer alguma refeição na casa da leitora e vice-versa. O décimo segundo item fala sobre a importância da

escola na vida do jovem, com explicações sobre o mérito de cada matéria estudada durante o período escolar e dicas sobre como se aprofundar em determinados assuntos para adquirir conhecimentos.

Vamos dizer que você assistiu a um filme como *Titanic* e adorou. Procure saber mais sobre o assunto e a época em que a tragédia aconteceu. Pergunte a seu professor de História como era o mundo naquele tempo (1912); peça ao professor de Física que explique como um navio flutua, e por que o Titanic afundou. Peça sugestões de leitura. É assim que o aprendizado torna-se dinâmico e instigante. (VILELA, 1998, p. 86).

O décimo terceiro, e último, item ensina à leitora como montar um currículo, como se comportar em uma entrevista de trabalho e sugere maneiras de como ser uma boa profissional e ter uma boa relação com os colegas de trabalho. Por fim, na última página da obra, o autor justifica sua produção: “Posso dizer que gostaria de ter lido um livro como este quando era adolescente. É muito chato enfrentar essas situações sem saber o que fazer.” (VILELA, 1998, p. 95).

De mesma autoria, o terceiro livro que compõe a configuração discursiva “comportamento”, *Coisas que todo garoto deve saber* (VILELA, 2000), é uma adaptação, para os garotos, da obra *Mais coisas que toda garota deve saber*. O livro é composto por dezesseis itens exatamente iguais aos da obra destinada às meninas, com exceção dos de número 3, 4, 5 e 7, visto que regras de boa educação devem ser difundidas aos adolescentes de maneira geral, independentemente do sexo.

Vale lembrar que, por ser destinado a meninos, há uma adaptação na linguagem para a imagem de enunciatário então construída, como se pode perceber em trechos como o seguinte: “É isso aí, meu amigo. De repente, você está por sua conta. Talvez não tão de repente nem tão por sua conta, mas você deixou de ser criança. (...) Já deu pra sacar qual é a desse livro?” (VILELA, 2000, p. 7). Esse mesmo trecho, no mesmo item no livro *Mais coisas que toda garota deve saber*, havia sido composto de forma diferente: “É isso. De repente, você está saindo. Sozinha. Bem, não exatamente sozinha, mas com suas amigas, seu namorado... papai e mamãe já não estão por perto para lhe ensinar o que fazer (ainda bem!)”. (VILELA, 1998, p. 7).

Os quatro itens que são dirigidos de maneira diferente nas duas obras falam de questões que ora são específicas às meninas (VILELA, 1998), ora aos meninos adolescentes (VILELA, 2000). No terceiro item, intitulado “Coisa de boiola?”, em Vilela (2000), o enunciatário convence o leitor de que expressar as emoções, ser uma pessoa sensível e até chorar são atitudes que não põem à prova a masculinidade, visto que o homem também é, antes de tudo, um ser humano. O quarto item do mesmo livro explora questões sobre o corpo do menino, falando, assim como na obra destinada às meninas,

sobre a puberdade, as modificações físicas, saúde e higiene masculinas. No quinto item, o autor fala o que os meninos têm que saber sobre as meninas, desde como conseguir “ficar” com uma delas, até o que fazer quando a namorada está com tensão pré-menstrual. O item de número sete discorre sobre segurança pessoal. Trata-se de um item que não existe em *Mais coisas que toda garota deve saber*. Nessa parte do livro, o enunciador discute o tema da violência, contando casos em que brigas e pequenos furtos levaram seus autores a duras conseqüências.

Pode-se dizer que as três obras em questão são consideradas manuais de comportamento, cujo objetivo consiste em discutir a sexualidade do adolescente. Uma de suas primeiras características consiste em se dirigir diretamente para um leitor materializado no texto, o que pode ser percebido, por exemplo, na utilização constante do modo imperativo. O primeiro livro, *Coisas que toda garota deve saber*, reconhece-se explicitamente como um manual, o que pode ser constatado na seguinte passagem: “O lema de todos os Manuais para Garotas é ‘esteja preparada’. Este deveria ser também o lema de toda adolescente (...)” (RUGEN, 1997, p. 21). Os manuais mantêm uma relação de troca com a imagem de leitor nele construída na medida em que o processo de manipulação do interlocutário se dá pelo estabelecimento do dever, como, por exemplo, em: “se você fizer dessa forma, atingirá seu objetivo”. Os seguintes exemplos confirmam essa maneira de estabelecer os contratos entre enunciador e enunciatário:

Como evitar espinhas: Prevenir é melhor que remediar. Assim, mantenha a face tão limpa quanto possível. Use um sabonete especial para o rosto, caso tenha uma pele problemática. (RUGEN, 1997, p. 29).

Se o garfo ou a faca cair no chão enquanto você come, peça outro ao garçom. Caso esteja na casa de alguém, pergunte onde você pode pegar outro. (Se a dona da casa leu esse livro, assim que seu garfo cair ela vai levantar para pegar outro!). (VILELA, 1998, p. 56).

Se você perceber aquela “poeirinha” nos seus ombros, experimente um xampu anticasca. (VILELA, 2000, p. 20).

Outra característica própria dos manuais de aconselhamento é que eles não precisam ser lidos numa sequência fixa, diferentemente, por exemplo, de um manual que ensina a montagem de um objeto ou o modo de instalação de um aparelho. A sugestão do autor de *Mais coisas que toda garota deve saber* e de *Coisas que todo garoto deve saber* é que o leitor procure no índice o tema que lhe interessa e vá direto a ele:

Este livro não precisa ser lido seqüencialmente. Ou seja, você pode escolher os assuntos que lhe interessam e ler na ordem que mais lhe agrada. [...] Mas ele não precisa ser lido na ordem, capítulo depois de capítulo. Você pode escolher os assuntos e montar sua própria seqüência. Afinal, este livro fala de escolhas... (VILELA, 2000, p. 7).

Embora essa mesma afirmação não venha explicitada na obra de Samantha Rugen, constata-se que também *Coisas que toda garota deve saber* organiza os itens que o constituem a partir do mesmo esquema, isto é, cada capítulo pode ser lido isolada e alternadamente.

Os manuais, portanto, não tratam de relatos de ações que se desenvolvem no tempo e no espaço, tal como nas narrativas, mas de situações com as quais o enunciador entende que seu enunciatário pode se deparar. Sua atitude, como aconselhador, consiste em revelar para esse enunciatário um saber, para que ele possa ultrapassar as crises, inclusive mostrando o que deve ser observado para que isso aconteça.

O que se pode observar, portanto, é que esses manuais que aconselham comportamento agem em três dimensões: a dimensão cognitiva, em que o fazer-saber do enunciador age sobre o saber-fazer do enunciatário; a dimensão pragmática (ou dimensão didática, sobre a qual se falará mais adiante), que consiste na programação da ação, modalizada pelo poder-fazer do enunciatário; e a dimensão passional, uma vez que instauram no enunciatário um “querer-ser”, isto é, para que ele, seguindo as orientações do enunciador, seja como os outros, obtenha sucesso nas mais diversas situações e resolva seus problemas.

Assim, o que se destaca nos manuais, e esses três não fogem à regra, é o saber do enunciatário. O contrato estabelecido entre enunciador e enunciatário gira em torno da aquisição do saber, doado pelo primeiro ao segundo.

Para que se estabeleça o contrato fiduciário entre o destinador e o destinatário, que vai fazer com que o segundo aja de acordo com as orientações do primeiro, é preciso que o discurso se construa com o propósito de acentuar a confiança, a credibilidade do segundo em relação ao primeiro. Um dos procedimentos utilizados para atingir esse fim consiste na escolha lingüística, isto é, por meio de um modo de falar típico dos adolescentes, os enunciatários dos três discursos em análise incluem-se no grupo dos leitores e dialogam livremente com eles.

Em *Coisas que toda garota deve saber*, a identificação entre os interlocutores por meio das escolhas lingüísticas manifesta-se, por exemplo, em frases como: “E então, já veio para você?” (RUGEN, 1997, p. 20). Em *Mais coisas que toda garota deve saber*, o contrato de confiança entre os interlocutores é expresso inclusive pela simulação de identidade de formas de pensar, como

pode ser observado em: “Mas o que passa pela cabeça dos garotos? (Se é que passa alguma coisa...)” (VILELA, 1998, p. 8). Em outro trecho esse mesmo tom é mantido: “Não é necessário que digamos para você não fazer nada que seja grosseiro, como tirar meleca do nariz, das orelhas, dos dentes ou das unhas (Isso talvez fosse preciso num livro para **garotos**)”. (VILELA, 1998, p. 54). Já em *Coisas que todo garoto deve saber*, o discurso do enunciador é a simulação do discurso característico da faixa etária do enunciatário pressuposto: “É, meu irmão! Homem também tem que se preocupar com isso. Mas antes precisamos falar um pouco de anatomia.” (VILELA, 2000, p. 19). As escolhas linguísticas e a forma de produção do discurso são responsáveis pelo estabelecimento do processo de identificação entre os interlocutores, o que consiste numa estratégia de marketing, se se pensa o manual como um objeto destinado ao consumo de um público como o adolescente.

Além da identificação linguística, as dúvidas e as explicações expressas nas três obras em destaque, pertencentes à configuração discursiva do comportamento, tocam de perto a realidade dos jovens dessa faixa etária, visto que todos eles passam pelas mesmas situações no início da puberdade. Outro fator que torna os manuais atrativos é que eles, além de informarem, sugerem soluções para as situações vividas por seus leitores, como na sequência abaixo:

A única maneira de se livrar de um cravo (poro entupido) é removê-lo. As indicações a seguir podem parecer divertidas, mas devem ser encaradas com seriedade, se você quiser que essa tarefa seja bem sucedida. 1) Prenda os cabelos para trás. 2) Despeje água quente numa bacia. 3) Posicione a cabeça sobre a bacia, cobrindo-a com uma toalha, para não deixar o vapor escapar. 4) Fique nessa posição por vários minutos, para abrir os poros. 5) Ao sair de sobre a bacia, cubra a ponta dos dedos com panos limpos. 6) Pressione suavemente a área ao redor do cravo, para que ele saia. Não entere as unhas no rosto. Se o cravo não quiser sair, não force, senão poderá provocar irritações e até cicatrizes. 7) Feche os poros passando água fria no rosto. (RUGEN, 1998, p. 31).

Nos manuais, o processo de manipulação estabelecido entre os interlocutores pode ser dar por intimidação e/ou por tentação. No primeiro caso, o enunciatário leitor se sente ameaçado caso não seguir as orientações mostradas pelo enunciador, como mostra o seguinte exemplo:

Provavelmente você já está cansado de ouvir “use camisinha”, “use camisinha” e “use camisinha”. Imagino até que você saiba o porquê: para evitar uma gravidez indesejada de sua namorada (ou parceira) e as doenças transmitidas durante o ato sexual, entre elas a AIDS. (...) Uma gravidez indesejada pode alterar todos os seus planos para o futuro, e uma doença sexualmente transmitida pode

arruinar sua vida, ou mesmo acabar com ela (*ou seja, você morre*). (VILELA, 2000, p. 38).

A sedução por intimidação ocorre porque o fazer do destinatário é condicionado por dois diferentes perigos, a gravidez indesejada ou as doenças sexualmente transmissíveis. Assim, usar o preservativo é uma forma de evitar esses dois problemas. Por outro lado, manifesta-se, também, nesse caso, a manipulação provocada pela sedução, pois o enunciatário cria uma imagem positiva do enunciatário quando afirma que acredita que seu leitor sabe o porquê da insistência na recomendação do uso do preservativo. Já a tentação ocorre quando se procura mostrar ao leitor que receberá um benefício ao realizar o que lhe é proposto:

Se você se acostumar a praticar exercícios e esportes desde jovem será um adulto com o corpo em melhores condições de aproveitar a vida. [...] se procurar se alimentar corretamente desde já terá uma vida mais saudável. [...] se estudar uma língua estrangeira (inglês ou espanhol, por exemplo) terá maiores oportunidades na vida profissional e cultural (Para não falar que será mais fácil navegar na Internet e jogar certos *games*). (VILELA, 2000, p. 41).

A manipulação, portanto, age sobre o sujeito de forma a levá-lo a querer e/ou a dever transformar seu estado inicial. A competência é adquirida pelo sujeito quando ele passa a saber e/ou poder realizar a performance. Dessa forma, os leitores dos três manuais aqui enfocados encontram-se, algumas vezes, na instância do querer, quando se trata, por exemplo, de uma espécie de conselho do sujeito-autor para (caso de tentação), isto é, quando não se trata de uma ordem explícita que, se não for seguida, pode trazer conseqüências graves. Assim, o leitor sente vontade de seguir a orientação e adquirir o objeto de valor oferecido em troca de seus atos. O trecho abaixo é outro exemplo:

A freqüência com que você deve lavar o cabelo fica inteiramente a seu critério. Se ele for do tipo seco, procure não lavá-lo muito freqüentemente. Contudo, se você vive numa cidade grande, pode precisar lavá-lo dia sim, dia não, por causa da poluição existente na atmosfera. Se for o caso, utilize um xampu suave. Experimente alguns tipos e veja qual funciona melhor para você. (RUGEN, 1997, p. 43).

Em outros momentos, o enunciatário-leitor sente-se no dever de realizar a performance, pois o enunciatário intimida-o, conforme já ficou aqui mostrado. E, sentindo-se ameaçado a sofrer graves conseqüências, ele acaba por realizar a ação, como no seguinte excerto, em que o sujeito-autor fala dos efeitos nocivos do álcool e das drogas:

Outra estatística alarmante: De acordo com o Hospital das Clínicas de São Paulo, cerca de 10 jovens com idade entre 10 e 25 anos ficam paraplégicos *por semana* no Brasil. São 533 por ano. Vidas violentamente alteradas. A causa? Mergulhos em piscinas, lagos e rios. O garoto pula na água, sem conhecer a profundidade ou a existência de pedras e bancos de areia, bate a cabeça, fratura a coluna vertebral e pronto! **Refleta sobre esses dados:** Não coloquei essas informações “deprê” só para encher seu saco. Reflita sobre o que acabou de ler e lembre-se de que drogas e álcool alteram seus reflexos e aumentam a sensação de imortalidade de que falei. (VILELA, 2000, p. 42).

O que acontece no trecho acima é que o enunciador, para construir o efeito argumentativo de seu discurso, vale-se de dados aparentemente concretos, de dados estatísticos (embora não cite a fonte), que reforçam os riscos que o leitor pode correr, caso venha a fazer uso de bebidas e de drogas. As escolhas lexicais também acentuam a temática em questão, como “alarmante” e “violentamente”.

O que se constata, portanto, é que os manuais que discutem o comportamento dos adolescentes constroem-se como doadores de saber para que o jovem adquira a competência necessária para realizar a performance, que consiste em modificar algumas coisas em sua vida, tais como, melhorar a educação em situações formais e mesmo adquirir conhecimentos sobre assuntos que não domina.

O que mais se destaca nos manuais são as relações argumentativas entre enunciador e enunciatário. Segundo Barros (1988, p. 62), “a manipulação do enunciador exerce-se como um fazer persuasivo, enquanto ao enunciatário cabe o fazer interpretativo e a ação subsequente”. Em outras palavras, pode-se dizer que o objetivo dos manuais é explicitamente persuadir o enunciatário a agir segundo as indicações do enunciador; convencê-lo somente de que aquilo que está escrito está certo não adianta, é preciso que ele aja daquela maneira.

Fundamentados na oposição infância *versus* adolescência, os sujeitos enunciadores discorrem sobre o percurso narrativo que comporta a passagem de um estado inicial (infância) a um estado final (adolescência), englobando as mudanças que ocorrem nessa transição e indicando os saberes que o leitor deve adquirir. O saber do sujeito enunciatário é modificado quando adquire a obra, ainda mais quando ela se vale de estratégias explicitamente didáticas, tais quais “Como ser uma boa anfitriã” (VILELA, 1998, p. 71), “O que você precisa saber sobre elas” (VILELA, 2000, p. 23). A dimensão didática, que consiste na estratégia de produzir a “competencialização” do enunciatário do discurso, é a dimensão que melhor caracteriza os manuais, pois ela se constrói na forma de lições que ensinarão seu leitor as formas para solucionar alguns de seus problemas.

Nas três obras aqui citadas, percebe-se que a adolescência comporta um valor eufórico, o que não significa que a infância tenha um valor disfórico. O que acontece é que os autores deixam claro que isso é apenas uma transição e que cada fase tem seu lado positivo; assume valor disfórico a adolescência que não é pautada pela consciência dos estados que nela estão envolvidos. A mudança da infância para a adolescência é, pois, o programa narrativo de base dos manuais, que são compostos por vários programas narrativos secundários que, por sua vez, acabam correspondendo aos diversos itens que compõem cada uma das três obras aqui referidas.

Essas obras são enunciadas por meio da debragem enunciativa, em que o enunciador se manifesta no texto em primeira pessoa, produzindo o efeito da subjetividade. Isso facilita o diálogo entre enunciador e enunciatário, visto que surge, assim, uma ilusão discursiva, que rende ao enunciatário a idéia de dialogar diretamente com o enunciador, como mostram os exemplos abaixo. Todo o discurso, portanto, é narrado na forma de discurso direto.

Antes de tudo, você não precisa de sabonete para obter uma pele limpa. Se for utilizá-lo, prefira um sem perfume e que contenha vitamina E, que é excelente para a pele. (RUGEN, 1997, p. 33). Nos primeiros anos de sua vida, você brinca com os garotos sem dar muita atenção ao fato de serem... bem, garotos. Então, você cresce um pouco e começa a achá-los irritantes e chatos. (...) (VILELA, 1998, p. 8).

Agora, se como eu, você não é muito entusiasmado para encarar uma atividade física, procure algo que o “apaixone”. Quando adolescente, eu pratiquei judô e *kung fu*. Adulto, nado e jogo *badminton*. (VILELA, 2000, p. 15).

Além disso, as narrativas introduzidas nos itens das obras *Mais coisas que toda garota deve saber* e *Coisas que toso garoto deve saber* também sugerem a ilusão da realidade; além daquela já citada, que demonstra os números de jovens que ficam paraplégicos a cada semana no Brasil, há outras, como:

Márcia, 17 anos. Eu estava numa festa meio caída quando alguns amigos sugeriram ir para a casa de um deles, que ia ser mais legal. Fomos em três carros. Estranhei que eu estava sozinha com o João, no carro dele, enquanto os outros dois carros tinham quatro e três pessoas. Mas não disse nada. João falou que precisava passar no apartamento dele para pegar uns CDs e bebida. Chegando lá, ele me ofereceu algo para beber. Não aceitei. Ele tomou uísque, direto na garrafa, e falou que ia pegar os CDs no quarto. Dalí a pouco, ele me chamou: “Má, vem ver que legal!”. Entrei no quarto dele, mas não o vi. Ele apareceu de trás da porta, que fechou e trancou. Me jogou na cama dele, de barriga para baixo, e me forçou. Quase sufoquei com o rosto enfiado no travessieiro. Ele era muito mais forte que eu. Nos primeiros minutos, tentei resistir, me virando e esperneando. Mas para me mexer um centímetro era

preciso fazer muita força. Logo eu estava esgotada, com o coração na boca (VILELA, 1998, p. 31).

Cláudio brigou com seu grande amigo **Márcio** (ambos com 14 anos) por causa de uma menina. Descontrolado, meteu a mão na boca do outro. O ex-amigo perdeu os quatro dentes da frente e Cláudio cortou um nervo da mão (nos ex-dentes do banguela). Resultado: Márcio vai ter de usar prótese pelo resto da vida (com todos os problemas e custos que isso acarreta) e Cláudio não consegue fazer, com a mão direita, coisas simples como escrever e digitar (VILELA, 2000, p. 40).

Essas micro-narrativas inseridas rendem credibilidade ao leitor, pois os depoimentos aparentemente reais o fazem pensar que é possível acontecer determinada situação, visto que já ocorreu com “Márcia”, “Cláudio” ou “Márcio”. Esse recurso é utilizado em obras juvenis por uma simples justificativa, que o próprio autor de *Coisas que todo garoto deve saber* fornece: “Imagina-se que é porque a morte e os grandes problemas estejam muito distantes da maioria dos jovens. O adolescente sente-se imortal e invulnerável. Acha que não vai acontecer com ele. E quando acontece...” (VILELA, 2000, p. 38). Sendo assim, as situações se tornam mais concretas (ainda que elas possam não existir de fato, que possam ser ficção do autor), o que pode fazer com que o adolescente tome mais cuidado.

A argumentação é feita por meio do contrato entre enunciador e enunciatário, como já aqui dito, mas também por meio dos recursos utilizados na persuasão e interpretação. “Pelo contrato, o enunciador determina como o enunciatário deve interpretar o discurso, deve ler “a verdade” escrita. Para isso, o enunciador constrói todo um dispositivo veridictório e deixa marcas no discurso que devem ser analisadas pelo enunciatário”. (BARROS, 1988, p. 63).

Os discursos das três obras correspondem a textos temáticos, em que há uma grande aproximação subjetiva por parte do enunciador, a fim de provocar o já citado efeito de realidade. Quando, no entanto, o enunciador quer tornar seu discurso ainda mais real, ele se vale dos exemplos reais citados, o que torna os textos figurativos. Assim, o tema da violência, por exemplo, é figurativizado por “Cláudio” e “Márcio”; o tema da violência sexual é figurativizado por “Cláudia”, entre outros casos citados. E a configuração discursiva principal das obras, o comportamento, vai sendo construído por meio da junção de todos os outros assuntos que o compõem.

Assim pode-se dizer que os três manuais analisados consistem em um discurso com conteúdo tradicionalista. O uso de uma linguagem típica dos adolescentes e os exemplos de situações modernas nada mais são do que procedimentos de sedução estabelecidos pelo enunciador em relação ao enunciatário, que dão uma aparência de “modernidade” ao texto, embora

isso, na verdade, seja o procedimento comum do processo persuasivo, visto que os conceitos abordados nas obras (como, por exemplo, de que as meninas devem ser mais bem comportadas do que os meninos) são tratados a partir de uma perspectiva que reafirma o comportamento tradicional. Nesse sentido também, é possível afirmar que, em muitos momentos, o verdadeiro interlocutor sejam os pais dos adolescente a quem aparentemente os discursos se dirigem. A utilização da linguagem acessível ao jovem é uma maneira de apontar as questões de forma acessível e didática, conforme já foi aqui demonstrado, a serviço do adulto que pretende intervir sobre o adolescente. O que estamos querendo dizer, então, é que os manuais de comportamento para jovens tem no adulto seu comprador porque funciona como uma ponte para o fazer educacional que cabe ao adulto.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria do discurso**: Fundamentos semióticos. São Paulo: Atual, 1988.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: UnB, 2001.
- FIORIN, José Luiz de. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1989. (Repensando a Língua Portuguesa).
- GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Julien. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008
- ROCHA, Gabriela Lanzetta Haack. Disponível em <www.geocities.com.br/cartilha/sex>. Acesso em 19 jul. 2007.
- RUGEN, Samantha. **Coisas que toda garota deve saber**. São Paulo: Melhoramentos, 1997.
- VILELA, Antônio Carlos. **Coisas que todo garoto deve saber**. São Paulo: Melhoramentos, 2000.
- _____. **Mais coisas que toda garota deve saber**. São Paulo: Melhoramentos, 1998.